



## **Amazônia em “direto da selva: as aventuras de um repórter na Amazônia”: uma caracterização dialógica<sup>1</sup>**

Ednilson Antonio Maciel dos SANTOS<sup>2</sup>

Antonio Heriberto CATALÃO JR<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas/ICSEZ-Parintins

### **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que visa a compreender como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Direto da selva: as aventuras de um repórter na Amazônia”, do jornalista pernambucano Klester Cavalcanti. Como enunciado na cadeia da comunicação discursiva, o livro-reportagem é perpassado pelos diálogos do autor com outros sujeitos. Ao produzir um discurso sobre a Amazônia, o autor a constrói semioticamente a partir de diálogos com outros discursos. Tal pesquisa se fundamenta na teoria sobre o dialogismo do Círculo de Bakhtin. Como em outras épocas, a Amazônia é (re)visitada, (re)inventada, e (re)construída pela linguagem em sua integridade viva e concreta. Objetiva-se, portanto, a caracterização da Amazônia que se realiza, neste caso, na comunicação dialógica entre o autor e diversos outros discursos com os quais ele trava contato.

Palavras-chave; Amazônia; dialogismo; reportagem; jornalismo; livro-reprotagem

### **INTRODUÇÃO**

Este texto destaca o resultado de uma pesquisa que visa a compreender como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia” do jornalista pernambucano Klester Cavalcanti (2002). O livro-reportagem é um discurso vivo que se movimenta num espaço entre um locutor e interlocutores, provido de diálogos que se fazem presentes na cadeia discursiva, mesmo que a relação dialógica não se dê face a face- é o que se pode chamar de dialogismo. Para isso, o percurso de tal pesquisa elabora-se conforme a perspectiva dialógica do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Por meio do livro reportagem, o autor engaja-se em um diálogo com os discursos de diversos atores sociais, constituindo seu trabalho como um enunciado, uma unidade da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior (DT1/IJ) – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Norte – 2011. O trabalho é o resultado da pesquisa como voluntário do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

<sup>2</sup> Ednilson Antonio Maciel dos Santos é estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas. E-mail: ednilson\_maciel@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAr/UNESP, jornalista e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: catalaojr@yahoo.com.br



comunicação verbal viva e concreta. Assim, aborda-se a obra de Cavalcanti para identificar como, ao elaborá-la, o repórter caracteriza dialogicamente a região amazônica.

Assim, verifica-se como o autor assume posições sociais, suas e de *outrem*, sobre a região amazônica. Por isso, conta-se com auxílio primordial do Círculo de Bakhtin e seu referencial teórico-metodológico: o dialogismo. Nesse sentido poderemos compreender os objetivos propostos mediante o enfrentamento das seguintes questões específicas: como o autor apresenta a natureza da região amazônica em seus diversos aspectos? Como o homem amazônico é qualificado em sua relação com a natureza? Como são caracterizadas as relações humanas e sociais na região? Como a Amazônia é situada – politicamente, culturalmente, economicamente e socialmente – no território nacional brasileiro e em relação a ele?

## 1. REPORTAGEM E DIALOGISMO

José Luiz Fiorin, estudioso de Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), comenta sobre dialogismo aplicando as seguintes palavras desse filósofo russo: “em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. (BAKHTIN, 1988, p. 88 apud FIORIN, 2006, p. 18). A elas ainda se acrescenta a seguinte afirmação bakhtiniana:

O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes pontos de vista, visões de mundo e correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez [...] O enunciado está voltado não só para seu objeto, mas também para discursos do outro sobre ele (Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV], 2006 p. 299-300).

Dessa maneira, a propriedade da língua é ser dialógica - como também todos os enunciados o são, mesmo que não seja dentro de uma relação face a face, que se constrói em toda comunicação verbal, pois “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, p. 19). E o que seria o enunciado? O próprio Bakhtin o responde: “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN 2003; [VOLOCHÍNOV], 2006, p. 289). Todo enunciado tem um papel responsivo na comunicação discursiva. Por isso, quando alguém define sua posição e a assume, responsivamente o faz em relação às outras posições.



No fio desse discurso, ainda podemos compreender o enunciado como uma “réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos” (FIORIN, p. 21). O fato é que o enunciado não pode existir sem que haja uma relação dialógica.

Explorando algo mais sobre o dialogismo, Fiorin nos mostra três pontos fundamentais, a saber: i) “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado” (p. 24), um enunciado pode solicitar uma resposta que ainda não existe no fio do discurso; ii) na sua forma composicional, o dialogismo incorpora vozes e discursos de outrem, que podem se externar visivelmente abertamente e, finalmente: iii) o sujeito sempre age em relação aos outros, por conseguinte, “o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação” (Idem, p. 55).

Desta feita, podemos utilizar a seguinte conclusão de José Luiz Fiorin:

Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser (Ibdem).

A pesquisa proposta insere-se em uma tradição ainda recente de estudos sobre as caracterizações e “invenções” da região amazônica em textos elaborados por sujeitos diversos, em diferentes campos da cultura – cujo maior exemplo, constata-se que seja o trabalho da escritora amazonense Neide Gondim (1994). A pesquisadora elabora um painel amplo sobre os discursos produzidos por viajantes e estudiosos estrangeiros acerca da Amazônia. A autora defende:

Contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia Greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. (Idem. p.9)

Nessa busca de construções discursivas está o livro reportagem. Conforme Catalão Júnior (2010, p. 22), “o livro-reportagem é um gênero do discurso, cujos enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados em livro, que é seu meio distintivo”. Cada livro-reportagem singular é, pois, o resultado de uma enunciação, de um ato de linguagem - vivo e concreto por meio do qual seu autor se inscreve na cadeia da comunicação discursiva. Por isso podemos afirmar o seguinte:



[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo seu conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns [...] (BAKHTIN (2003; [VOLOCHÍNOV], 2006, p. 274).

Como objeto de análise, o *corpus* desta pesquisa é a materialização de um discurso do autor em diálogo com personagens vivos de uma Amazônia sempre em elaboração.

## 2. O AUTOR E A NATUREZA AMAZÔNICA

Em “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia”, Klester Cavalcanti narra suas experiências na região amazônica durante o período de dois anos e dois meses (cf. 101), em que morou na cidade de Belém (PA), para onde foi enviado como correspondente da revista *Veja*, no final da década de 1990. O jornalista faz a seguinte revelação:

Até então, tudo o que eu sabia sobre a Amazônia era o que tinha lido em livros e enciclopédias. Nunca havia, sequer, sobrevoado a região, mas o fascínio por esse fantástico e misterioso pedaço de Terra me fez encarar a oportunidade como um passo que mudaria minha vida para sempre (p. 247, 2002).

Essa foi o primeiro diálogo que o autor mantém com a Amazônia. Um conhecimento limitado sobre a região, através das obras mencionadas nesse recorte. O jornalista ainda acrescenta que ele “não tinha a menor idéia do que iria encontrar. Aliás, situações e lugares inesperados e desconhecidos são uma constante para quem viaja pela Amazônia” (Idem, p. 13). Esse estranhamento vai se repetir a cada nova viagem que se transforma em novas descobertas – assim começa a elaborar visões que caracterizam a região.

Logo que chega à Amazônia, Cavalcanti se depara com um fato de repercussão mundial: um grande incêndio florestal no Estado de Roraima. Ao sair de Belém para Boa Vista, ele encontra um clima predominante quente; o motivo eram as queimadas da floresta nesse Estado. “Já tinha ouvido falar que Roraima era quente, mas aquilo estava parecendo um inferno. Além do calor insuportável, a cidade estava coberta por um vasto lençol de fumaça”. (p. 13-14).



No início de seu trabalho, como repórter correspondente, - Klester Cavalcanti se deparou com uma realidade climática bastante tensa. Ora os céus do norte da Amazônia viviam um forte calor. Ora, o calor era extinto pela chegada das chuvas. Como relata, após uma cobertura jornalística em Boa Vista (RR):

À noite, sob o céu bastante nublado, eu e Janduari voltamos para Belém. Antes mesmo de o avião decolar, já havia começado a chover em Roraima. Choveu copiosamente por mais de doze horas. Água suficiente para apagar a maioria dos focos de incêndio espalhados pela selva e pôr fim à maior tragédia ambiental da década na Amazônia (p. 64-65).

Em outra ocasião, antes de embarcar para uma excursão para o Acre, o autor diz que o sol estava de torrar o cérebro (cf. p. 87). Com essas formas de caracterizar o clima amazônico, o autor evidencia as características peculiares da região: o quente e úmido. Como também relata no trecho seguinte: “A chuva não dava tréguas. Eu caminhava sem saber exatamente para onde estava indo” (p. 223) – aqui o jornalista se refere ao seqüestro que sofreu em Belém.

Esse fato ocorreu por motivo das suas reportagens de denúncias: ‘Isso é só um aviso. Se a matéria sair a gente volta para terminar o serviço’. (p. 221). Essas são palavras dos seqüestradores. E o autor relata: “Fiquei aliviado. Por um momento, cheguei a pensar que seria assassinado ali mesmo, no meio do mato”. (Idem). A relação do autor com a natureza provoca a reação de pessoas que se mostram incomodadas com a sua presença num espaço propício a devastação.

Uma primeira menção ao aspecto hidrográfico é dada, durante um sobrevôo de helicóptero, pela BR – 174, em Roraima. O repórter percebe o seguinte: “Os igarapés e lagos da região estavam completamente secos. Em alguns trechos, o Rio Branco, o maior e mais caudaloso de Roraima havia sido resumido a poças d’água” (p. 16). E completa: “Os riachos e açudes da região estavam totalmente secos. Os únicos riachos que ainda tinham um pouco de água estavam a mais de 1 hora e meia de vôo, [...]” (Idem. 17).

Em outro momento, sem esconder uma certa surpresa, o autor mostra seu encantamento com as maravilhas naturais da Amazônia:

No trajeto até o Ariaú, pude contemplar, pela primeira vez, a grandiosidade do encontro do Rio Solimões com Negro. Da união desses dois gigantes amazônicos nasce o maior rio do planeta: o Amazonas, com seus mais de 7 000 quilômetros de extensão. O “Encontro das Águas”, como o fenômeno é conhecido, realmente é fascinante (p. 70).



Nesse aspecto hidrográfico mostrado pelo autor, ele como que o desenha e mistura outros que de outra forma não poderiam deixar de ser, em se tratando de Amazônia, isto é, mesclar os elementos terra (floresta) e água (rios); como se pode perceber:

“Sob a tímida luz da lua, o paredão de árvores emoldurava a nossa estrada aquática parecia um enorme muro negro. As voadeiras deslizavam, serenas e silenciosas, sobre um dos milhares de braços do Rio Negro” (p. 72).

Desse ajuntamento de elementos o autor constrói a realidade amazônica desenhado em um cenário natural, que se apresenta à sua visão pelo estranhamento, causado singularidade da realidade amazônica, única e irrepetível. Como constata-se:

“São dezenas de cachoeiras, encantadoras praias de água doce e grandes pedaços de selva ainda intocados” (p. 98).

De volta ao Estado do Pará, Cavalcanti também mostra a hidrografia açoânica: presente nos rios da Amazônia. “Para chegar a algumas aldeias indígenas – Altamira está repleta delas -, era preciso passar até 6 horas navegando pelo caudaloso admirável Rio Xingu, que banha o município” (p. 99).

Rodovias aquáticas. Essa é a expressão encontrada pelo autor para designar a hidrografia da região, mesclada com a vegetação, à qual ele chama de moldura dos rios, quando da sua viagem ao município de Maués, Amazonas:

“Dezenas de braços de rios e centenas de fendas que levariam a igarapés ocultos surgiam no caminho. A uniforme muralha verde de árvores imensas e robustas, emolduravam a estrada de água doce” (p. 124).

Nestes fragmentos se pode perceber que o autor ao caracterizar a Amazônia não esconde seu encantamento ao se deparar com determinadas realidades e constrói referenciais sobre os objetos semióticos: “[...] inigualável Amazonas, um verdadeiro oceano doce” (p. 70).

“Sob a tímida luz da lua, o paredão de árvores emoldurava a nossa estrada aquática parecia um enorme muro negro. As voadeiras deslizavam serenas e silenciosas, sobre um dos milhares de braços do Rio Negro” (p. 72).

“Durante todo percurso, a Floresta Amazônica se mostrava imponente e intocável” (p. 87).

“A uniforme muralha verde de árvores imensas e robustas, emolduravam a estrada de água doce” (p. 124).



“O lago Amanã é de uma beleza incomensurável [...] Em poucos lugares da Amazônia encontra-se a floresta tão rica, linda e intocada quanto por essas paragens” (p. 167-168).

“[...] fantástico e misterioso pedaço de Terra [...]”; (p. 247).

Tais afirmativas endossam as seguintes palavras do jornalista sobre o tempo que trabalhou na Amazônia “tempo suficiente para gerar uma ligação íntima e consistente entre a floresta, com sua gente digna e cortês e insuperável riqueza natural e eu” (Idem).

Outro olhar revelador:

Durante a viagem, eu e Janduari ficamos impressionados com o tamanho de algumas fazendas. Em determinados trechos, os olhos corriam até o horizonte sem encontrar um resquício sequer de selva nativa. Quanto mais nos aproximávamos da divisa com o Mato Grosso, mais a situação piorava. *‘Há 10 anos, tudo isso aqui era floresta. Agora, está essa desgraça. Os fazendeiros derrubam tudo para colocar os bois deles’*, reclamou Fumaça (o piloto) (p. 102, grifo meu).

### 3. O AMAZÔNIDA E A NATUREZA AMAZÔNICA

Em sua obra o autor faz uma alusão catastrófica a respeito da Amazônia. Um lugar sujeito às devastações. Percebe-se seu discurso velado nas falas de personagens que habitam a Amazônia, mas também em seu próprio discurso. Como afirma a teoria dialógica, todo discurso traz consigo a fala de outros personagens sociais. A cerca disso o autor se utiliza os seguintes discursos:

No diálogo com indígenas da região: “A gente só tascou fogo pra limpar a roça. Mas veio o vento forte e fez essa desgraça. Tão seco que o fogo saiu destruindo tudo e a gente não pode fazer nada”, nos disse um dos rapazes da aldeia (p. 16).

“Observando aquelas colunas de fogo devorando vorazmente a maior floresta tropical do mundo, pensei: *‘Tão imensa e vulnerável’*. E acrescenta: “Pela primeira vez percebia que não era ladainha de *ecoxiita*” (p. 18, grifo meu). “[...] Os focos estavam espalhados pelos quatro cantos do Estado [Roraima] [...] Um dos municípios mais atingidos era Mucajaí, a 130 quilômetros de Boa Vista. [...] Vilas inteiras e pequenas propriedades rurais estavam ilhadas pelas cinzas” (p. 45).

As imagens que vimos durante a viagem até Mucajaí eram assombrosas. Animais mortos ou agonizando às margens da BR – 174, campos lavouras devastados e um túnel de fumaça cobrindo todo percurso. Era lastimável





observar um pedaço tão belo e fértil da Amazônia naquelas condições (p. 47).

O olhar do autor sobre a Amazônia não é só de encantamento e/ou deslumbramento, mas também de diligência e também revelador.

Durante a viagem, eu e Janduari ficamos impressionados com o tamanho de algumas fazendas. Em determinados trechos, os olhos corriam até o horizonte sem encontrar um resquício sequer de selva nativa. Quanto mais nos aproximávamos da divisa com o Mato Grosso, mais a situação piorava. ‘Há 10 anos, tudo isso aqui era floresta. Agora, está essa desgraça. Os fazendeiros derrubam tudo para colocar os bois deles’, reclamou Fumaça (o piloto) (p. 102).

Na relação entre o amazônida e a natureza uma figura emblemática se destaca: “O cacique Raoni é uma lenda viva num oceano de fábulas e personagens da exuberante Amazônia. Foi um dos primeiros índios a conquistar o mundo dos brancos. Muitos o consideram um ícone do que há de melhor na floresta” (p. 115).

O olhar de estranhamento ante a convivência e adaptação entre homem e a natureza se evidencia:

Antes de partirmos para Maués, no entanto, precisávamos comprar combustível. Foi quando eu vi, pela primeira vez, algo muito normal no universo das águas que é a Amazônia, mas totalmente inimaginável para quem não conhece a região. O posto de combustível onde paramos para abastecer o nosso barco estava flutuando sobre o Rio Negro. A cerca de cinco minutos do porto de Manaus, lá estava ele um verdadeiro posto flutuante (p. 123).

Em outra parte, se sobressai a relação “harmoniosa” entre o homem e os bichos selvagens. “Todos os pesquisadores com quem conversei sempre disseram que os animais selvagens não atacam as pessoas, por que na floresta há comida demais para eles [...] A não ser nos casos de o animal estar doente ou muito velho [...]” (p. 137).

Mas nem sempre o homem está em harmonia com a natureza. O habitante da floresta pode ser o vilão da história, como no caso de quem faz contrabando de madeira na floresta amazônica:





Madeireiros do Acre – onde o mogno já escasseou – tinham aberto uma gigantesca trilha, de 51 quilômetros, no meio da selva [...] As árvores eram derrubadas, colocadas em caminhões e levadas para o Acre, de onde eram despejadas para o sul do país e para o exterior (pp. 148-149).

#### 4. RELAÇÕES SOCIAIS NA AMAZÔNIA

No *corpus* da obra se pode ver que as relações sociais dialogam entre si, à medida que o autor descreve o que vê e apresenta seu ponto de vista. Muitas vezes ele próprio participa desses diálogos, não só como escritor/jornalista, locutor e testemunha ocular, mas como personagem.

Todos eles estavam reunidos em volta de uma imensa fogueira. [...] Os homens, só de tanga e com corpos pintados, se dividiam entre os percussionistas e outros que apresentavam um misto de luta e dança. [...] As mulheres, com seios desnudos, vestiam tangas ou shorts importados da civilização. Tive a impressão de que faziam às vezes da platéia, obedecendo à tradição antropológica do macho que quer se exibir para a fêmea (p. 30).

O autor descreve relações de integração, tradição e modernidade. Ao mesmo tempo, compara esses gestos e ações, que lhe causa admiração, com elementos do mundo dito civilizado. O autor como que ironiza essa imagem. A observação de Cavalcanti também suscita um diálogo consigo próprio sobre o que acabara de presenciar: “Dois meses atrás, eu estava em São Paulo, a maior cidade da América Latina, [...]. Agora, meu corpo estava paralisado diante de um ritual indígena milenar no coração da Amazônia. (Idem, p. 30). Cavalcanti também não hesita em participar do ritual: “E lá fui eu, em direção ao grande cacique (Ibidem, p.33).

No interior da Amazônia é comum associar a relação de autoridade política com a relação de poder. Por exemplo, na inauguração de uma escola em Altamira (PA) as relações políticas se estreitam com a visita do prefeito para inaugurar uma escola, naquele município. “Fiquei realmente interessado em saber que a história era aquela de Altamira, uma cidade largada no meio do território paraense, ser o maior município do mundo” (p. 97). [...] “O meu chefe em São Paulo, Laurentino Gomes, achou a história interessante e aprovou a pauta imediatamente” (p. 98).

De acordo com Cavalcanti, uma das idéias da matéria era mostrar como o prefeito do maior município do mundo (cf. p. 91) conseguia dar assistência à população



Naquele momento, todos os moradores estavam na escola. Ter o prefeito, em carne e osso, na inauguração do novo centro escolar era honra para eles. As crianças, todas limpinhas, bem penteadas e com camisas brancas, formavam um semicírculo em volta da mesa onde o prefeito e outras figuras ilustres estavam sentadas (p. 99).

Na Amazônia, às vezes divulgada pela mídia nacional, no oeste da região, especificamente o Estado do Pará, ainda é comum uma relação de domínio escravista por parte de fazendeiros. O que se poderia chamar de coronelismo moderno.

Infelizmente, os dados que motivaram a matéria chamavam a atenção para uma das mais peçonhentas chagas de nosso país: o trabalho escravo. E é na Amazônia, onde essa revoltante forma de explorar a mão-de-obra de gente pobre e humilde é verificada em maior quantidade no Brasil (p. 179).

E Cavalcanti relata cenas desse tipo de ação: “O trabalhador é obrigado a permanecer no local e quem tenta fugir é capturado, acorrentado e espancado. Não raro, até mesmo assassinado” (p. 180). De acordo com o autor, o trabalhador recebe um mísero salário e cumpre uma carga horária desumana, sem direito trabalhista.

Na Amazônia, as relações sociais de cunho político-ideológico norteiam a mentalidade de quem está determinado explorar os recursos naturais. Dentre os que encabeçam essas ações estão políticos e empresários. Eles pregam a ideologia de que a derrubada da floresta apóia-se em discursos desenvolvimentistas:

O intrigante é que os políticos e empresários dessas regiões costumam apoiar a devastação. [...] Para nossa surpresa, os manifestantes vociferavam a favor do desmatamento. ‘ Se o nosso desenvolvimento exige a derrubada da floresta, então vamos derrubá-la!’, apregoava o então suplente de Senador Eloi de Almeida, do PMDB (p. 200).

E o autor também reporta ao discurso de devastação as vozes dos ‘deslocados’: “Da praça onde os políticos locais faziam discursos inflamados contra a preservação da maior e mais rica tropical do mundo, uma multidão seguiu, em passeata, para o aeroporto da cidade (Idem)”. A figura antropocêntrica se sobrepõe a ecológica.

## **5. A AMAZÔNIA E O PAÍS**



A partir do que evidenciam as relações entre os homens e o Estado, os Meios de Comunicação e o papel do autor enquanto estrangeiro - o seu encantamento e estranhamento – pode-se inferir relações entre este território e o restante do país.

Numa investigação sobre o Ibama, Cavalcanti questiona a uma suposta superintendente do órgão, se ela sabe o que significa tal sigla, pois o jornalista estranha a maneira de ela falar. Nessa parte da obra o capítulo é intitulado “Ibama dos madeireiros”, já que, segundo o autor, o instituto atendia os interesses dos desmatadores da floresta acreana. A intervenção de um outro funcionário do órgão federal no diálogo só aumenta a desconfiança do autor:

‘Que pergunta ridícula é essa?’ – interveio o assessor. ‘Se você quer saber, Ibama significa...’ (p. 158). Além disso, as palavras da “superintendente” confirmam a suspeita.

A funcionária federal diz: “Ceis pode ir embora, que nós num vamo falar mais nada” (p. 160, sic).

De acordo com o jornalista ela (a superintendente) tinha sido colocada no órgão apenas como figurante, pois era uma semi-analfabeta. Mas, mesmo assim, era superintendente do Ibama, no Acre (cf. pp. 158, 159). Esses são apenas algumas manifestações dialógicas que o autor se utiliza de discursos diretos, isto é, outras falas, para construção de enunciações para o seu livro-reportagem, evidenciando que na Amazônia a corrupção não é diferente do restante do país.

Quanto ao discurso indireto, o autor se utiliza desse componente para criar também um efeito de sentido de objetividade como, por exemplo:

“Os assessores do Governo de Roraima informavam que o fogaréu tinha engolido mais de trinta por cento do Estado.” (p, 21).

“O comandante Márcio disse tratar-se de uma tribo *taurepang* índios pacíficos e já aculturados, mas que ainda guardam um poucos das antigas tradições” (p.116, grifo nosso). Aqui o autor menciona uma pequena aldeia ilhada pelo fogo, na fronteira entre Brasil e Venezuela.

Numa outra ocasião em que Klester Cavalcanti adentra da aldeia, logo é recebido com armas, sinalizando ameaças; elemento de poder, justamente por ser considerado branco invasor:

Vocês entraram numa reserva indígena sem a Funai autorizar. Agora, vão ficar presos até a Funai mandar soltar.  
O senhor não pode fazer isso.



Posso. *Eu mando nessas terras e vocês e seus amigos são invasores* (Idem, p. 109, grifo meu).

Nesse sentido, pode-se ver que o repórter em questão também é considerado invasor, um deslocado – não integrado ao território. Torna-se personagem das histórias narradas por ele e de seu discurso construído ao longo do livro.

Como já fora citado no corpus deste trabalho, as queimadas nas florestas de Roraima, em março de 1998, chamaram a atenção do Brasil e do mundo. Cavalcanti relata a presença da imprensa: “Tinha jornalistas do mundo inteiro: *The Guardian*, *Los AngelesTimes* e mais alguns outros grandes veículos de comunicação. Todos pareciam muitos cordiais e prestativos” (Ibidem, p. 24).

Segundo o que o autor deixa transparecer, a presença do Estado não seria suficiente. Mas também a imprensa representava esperança para as pessoas.

O povo estava desesperado. A única ajuda vinha dos bravos e dedicados, porém despreparados, soldados do Exército Brasileiro e dos competentíssimos time da Brigada da Argentina. Mesmo cheias de forças de vontade, essas duas equipes não poderiam fazer muito de tão portentosa tragédia (p. 45).

A presença da imprensa (o quarto poder) dialoga com a ação do Estado. Nesse sentido o autor destaca:

Quando Januari e o cinegrafista da Globo desceram do carro e os moradores viram a máquina fotográfica e a filmadora todos correram em nossa direção. Fez-se um grande alarido. Era como se eu Fachel pudéssemos apagar o fogo e estabelecer tudo o que eu fora destruído. Diante na inoperância do Poder Público, a Imprensa havia se tornado a maior esperança daquela pobre gente. ‘Só vocês podem nos salvar’, bradavam as pessoas (p. 47).

Em “Direto da selva”, acredita-se que o repórter quer mostrar para o Brasil e para o mundo a realidade infernal, de um lugar edênico:

A Amazônia é cheia de contrastes. Apesar de todos os problemas, muitos ainda a relacionam como o lugar fascinante e outros mais – como veremos no continuar de nossa análise.

Como relata o autor, o mais famoso hotel de selva chamado Ariaú Towers não podia ficar de fora de suas aventuras. A pedido do editor-executivo de Veja, Cavalcanti tem a



incumbência de fazer uma matéria sobre hotel de selva. Na sua viagem, causa-lhe estranhamento a grandiosidade do hotel Ariaú – um hotel no meio da selva amazônica:

Com apartamentos construídos na copas das árvores e passarelas suspensas a 5 metros de altura, já recebeu a visita de figuras ilustres, como Julia Roberts, Silvester Stallone, Kevin Coster, Jennifer Lopez, Bill Gates e mais uma penca de celebridades internacionais [...] o Mr. Gates desembolsou 2 000 dólares por cada diária da Suíte Cósmica. Durante quase um ano, ele foi o único a demonstrar tamanha coragem (p. 69-70).

De acordo com Cavalcanti, na Amazônia existem povos que estão isolados da civilização, como é o caso de tribos indígenas que não têm nenhum contato com o homem branco, o que deixa transparecer que a Amazônia é um lugar atrasado e deslocado do restante do país.

O chefe do Departamento de Índios Isolados da Funai, Sidney Possuelo, tinha telefonado para São Paulo, e anunciado a descoberta de uma nova tribo indígena, no Acre, na fronteira do Brasil com o Peru. [...] a tribo era um intrigante e estimulante mistério [...] Como poderia, 500 anos depois da chegada de Cabral e sua trupe, ainda existir tribos incólumes e alheias ao avanço desenvolvimentista? (p. 81- 82).

Sobre uma aldeia desconhecida, sem qualquer relação social com o mundo civilizado, autor pondera:

A que etnia os moradores daquelas grandes ocas pertencem? Que língua falam? A que Deus prestam culto? Como são seus rituais? Até hoje, ninguém sabe. O que é sabido – e nós fomos os primeiros a comprovar – é que eles existem. E continuam vivendo em paz, em algum ponto da imensidão amazônica (p. 94).

Pelas distâncias territoriais, a Amazônia torna-se um verdadeiro continente. A comunicação é suavizada pela presença do rádio. Cavalcanti presencia essa característica em uma base de apoio da Funai implantada às margens de um rio.

Base de apoio, na verdade, era um título pomposo demais para a modesta casa de madeira, sem energia elétrica, erguida às margens do rio Envira, nos confins do Acre, isolada fronteira entre Brasil e Peru. [...] À nossa espera, um simpático casal, seu João e sua esposa - uma jovem índia – e um filho de sete anos. Eles moravam ali há dois anos e o único contato com a civilização era um velho rádio de pilha. Do pequeno aparelho vinham as notícias do que estava acontecendo em Brasília [...] (p. 89).



Desse fato é possível imaginar como funciona e se caracteriza a comunicação nos espaços continentais da região amazônica: o lugar distante - dessa forma isolado do resto do país.

## **CONCLUSÃO**

Como resultado de uma pesquisa em andamento, este artigo não abarca toda a sua completude. Mas se pôde corresponder ao principal objetivo: compreender como a Amazônia é caracterizada no livro-reportagem “Direto da Selva - as aventuras de um repórter na Amazônia, de acordo com concepção dialógica do círculo de Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Se toda obra corresponde a um enunciado, concreto vivo que se materializa na linguagem. Então, os resultados aqui verificados apontam para a proposta dessa concepção. Para construir seus discursos Cavalcanti recorre a posições de personagens como o homem amazônida, o caboclo, o índio e o homem das cidades desse território – pessoas integradas à natureza amazônica, mas também com outras vozes deslocadas, isto é, os madeireiros, desmatadores, pecuaristas e políticos que apóiam a devastação em nome do desenvolvimento econômico – seja de forma explícita ou não.

Na sua relação com a natureza amazônica o autor concebe a Amazônia como um lugar encantador, no que diz respeito a sua fauna, flora, rios e sua gente. Mas também um lugar frágil: “tão imensa e tão vulnerável” (p.18), sujeito a destruição. Cavalcanti pratica a sua atividade jornalística quase que como um combatente contra os males que cercam este território. Segundo indica, ao mostrar casos como o incêndio em Roraima e da caçada aos desmatadores, que inclusive lhe rendeu o seqüestro, no Pará.

Evidencia-se, portanto, uma Amazônia caracterizada pela grande diversidade de riquezas naturais e do homem que a integra: o índio, o caboclo e o habitante das cidades. E do homem deslocado: os grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários, indicados na narrativa como o grupo de indivíduos que agem de forma desordenada e predatória sobre a exótica natureza amazônica.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.



\_\_\_\_\_ (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CAVALCANTI, Klester. **Direto da selva:** as aventuras de um repórter na Amazônia São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo Best-Seller:** o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252f. Dissertação (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP. Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** São Paulo, Marco Zero.1995.